

✓ Nossa Herança Grega

Nelson Mello e Souza
Ex-Chanceler da Universidade Estácio de Sá;
Membro da Academia Brasileira de Filosofia

Introdução

O conceito de “herança cultural” supõe algo fixo a ser transmitido. Não são poucos os que o questionam. O “fixo” pode ser uma ficção de quem o propõe. Toda cultura é um processo histórico em transformação constante. Mas este “algo” existe. E é transmissível permanecendo igual a despeito de todas as transformações. Modela a cultura, seu *ethos* ou estilo próprio de ser, como já reconheciam os gregos, formando a identidade compartilhada por tradições comuns, lendas, arte, crenças, idioma, formas de vestir e conviver, deuses que se reverenciam. Permite elaborar o conceito de “nação”, já usado desde Heródoto, para fixar diferenças entre os povos e suas criações originais, muitas delas passando através do tempo, de cultura a cultura.

Neste sentido é possível falarmos de “Civilização Cristã” e da herança de uma cultura como a grega, absorvida pela especificidade do Ocidente.

A origem dos gregos não é clara. O próprio Tucídides não é preciso quando aborda o tema e Leo Strauss nos diz que o nome é tardio. Os povos da região chamavam-se helenos, de Hélade, ou aqueus. Mais adiante argivos devido à posição dominante da cidade de Argos. Surgiram com as primeiras migrações indo-europeias dos anos 2000 a.C. Desde logo os nômades mesclaram-se com as populações rurais da região. Absorveram algo de sua cultura, de origem minoica, devido a presença dominante, na região, da luminosa e sofisticada cultura cretense. Foram se firmando em ricos centros urbanos. O “todo” evoluiu. A herança cretense pode ser notada em formas de arte, costumes e danças, mitos como o do Labirinto, dominado pelo poder do monstruoso Minotauro, nome derivado do mitológico rei de Creta, Minos. Essas heranças marcam a cultura grega emergente. Foi tomando forma própria. Assimilou muito do Oriente em sua ciência, seus mitos, sua arte. Tendo Micenas sua principal cidade como centro de referência, essa cultura passou a chamar-se “micênica”, ou cultura dos palácios porque nos grandes palácios concentrava-se a aristocracia e o centro da vida social. Em torno dela consolidou-se a ulterior cultura grega.

Outra avalanche nômade, a dos dórios e dos jônios, em torno do ano 1000, abalou seus alicerces. Mas não os destruiu. Desarticulou aspectos de sua vida, mas não atingiu o centro das crenças, a riqueza dos mitos e a grandeza dos valores. Passado o período de turbulências, denominado “idade das trevas”, com as necessárias acomodações e miscigenações dos novos invasores indo-europeus firmou-se uma etnia de tipo claro, alourado, como acabaram sendo os gregos. Do

processo surgiu um povo guerreiro, imaginoso e disposto a aventuras, com seu centro cultural mantido do período Micênico. Homero não teria recolhido o ancestral cantar dos bardos e rapsodos para nos legar as histórias deste período se não o considerasse a verdadeira fonte cultural da Grécia.

Os tempos já eram outros. Nessa Grécia de Homero uma vida comercial intensa ganhava corpo em cidades ricas como Corinto, Tebas, Argos, a isolada e diferente Esparta bem como a pequena Atenas, cidade comercial emergente. As primeiras Olimpíadas, festivais semirreligiosos de competições esportivas, arte, poesia e dança, reunindo representantes de toda a região, indicam a forte coesão cultural já existente nesse início do século VIII a.C. Cidades-Estado na costa da Ásia Menor e nas ilhas como Samos, Rodes, Lesbos, foram erguidas. Na costa surgiam Mileto, Éfeso, Pérgamo e Fócia, construídas por levadas migrantes. Cidades que por sua vez se expandiram. Aventureiros e mercadores de Corinto chegaram à Itália bem antes da fundação de Roma, comerciaram com os etruscos, fundaram cidades como Siracusa, criaram a Magna Grécia e centros de comércio nas costas da Ibéria. Mileto expandiu-se pela Ásia Menor e os fócios atravessaram o Mediterrâneo, comerciaram com tribos celtas da região Sul da Gália, derrotaram os fenícios de Cartago e fundaram Massília, base da atual Marselha. Migrantes e comerciantes jônios foram aos confins da Ásia conhecida, chegando a Trebizonda.

Seu rico *folklore* foi preservado pelos rapsodos, como eram conhecidos os cantadores de memória, ajudados pelos *aedos*, ou cantores que improvisavam seus cantos. Ambos tinham como tema a grande gesta da cultura Micênica, a guerra que sintetizou os valores dominantes. Homero soube recolhê-las, dar-lhes forma narrativa e transformou-se por isso mesmo no principal poeta e pedagogo do povo grego.

Inovadores na arte, como até hoje pode ser vista na comparação entre a arte protogeométrica dos minoicos, de inspiração egípcia, para as composições que compõem o centro de sua cerâmica, a negra celebrando mitos e a vermelha reproduzindo cenas da vida, ambas com suas figuras em movimento, manteve-se até hoje como exemplos de perfeição artística. Muito de sua arquitetura, artesanato e algo de sua pintura ainda logrou ser preservado. Até hoje seus templos e teatros, principalmente sua escultura nos assombam por sua beleza de linhas, sinuosidade de movimento, precisão realista de formas.

Mais adiante surgiram os grandes pensadores, cientistas, filósofos, médicos e engenheiros, que adicionaram à base mitológica de um mundo encantado a perspectiva racional da ciência e da filosofia.

A herança que os gregos nos legaram marcaram nossas formas de pensar, agir e reagir ante os fatos da vida bem como nossos ideais de beleza. Não seria nenhum exagero afirmar que influenciou no processo formador do Ocidente Cristão, mantendo-se, até hoje, viva entre nós.

Seu pragmatismo utilitário surgido desde logo, com o predomínio do raciocínio lógico de seus legisladores, estadistas e filósofos, não os impediu de consultarem os oráculos em uma reverência ao passado cultuado e ao mistério da vida. No seu perfil espiritual de forma “fáustica”, jamais aquietando-se conservadoramente, provocando desafios novos aos que procura dialeticamente responder, o Ocidente deve muito aos gregos.

Em sua trajetória histórica surge o que tampouco é visível em outras culturas, desde a egípcia e a suméria, a ideia linear de “progresso”. Se o Ocidente logrou libertar o Prometeu que existe em nós, foram os gregos os primeiros a criar um espaço próprio para o exercício da

criatividade individual e do dinamismo nela implícito. Lembremos a assertiva de Xenófanos: “os deuses não ensinaram tudo ao homem; foi seu trabalho e sua pesquisa, no curso do tempo, que permitiram as melhorias da vida”. O texto é citado por Robert Eric Dobbs em seu *O antigo conceito de progresso*.

Por outro lado, o mito de Prometeu, que até hoje nos inspira, sustenta não ser o homem um exilado do *Paraíso perdido*, uma vítima da *Queda* e sim o construtor de si mesmo, pelo trabalho coletivo dentro de uma sociedade organizada com divisão de tarefas e espírito cooperativo, regulada por leis, desenvolvendo sempre novas técnicas e artes.

Difícil negar a existência de certa propensão antropológica neste posicionamento da mente grega. Protágoras o sintetiza, contradizendo, desde 2500 anos atrás, a simplificada posição de Hobbes ao afirmar que é no espírito cooperativo não na luta de todos contra todos, que se constrói a base da organização social. Esse espírito revela-se nas virtudes sociais do *aidos*, ou respeito pelo sentimento alheio e no *diké* respeito pelo direito alheio, sintetizando um conceito também antes inexistente, o de “individualidade”. Incentivou a energia criadora, a insistente contestação da “ordem”, que vieram a ser parte fundamental da dinâmica do Ocidente.

Sófocles nos faz a frágil Antígona, orgulhosamente afirmar: “o poder ditatorial pode fazer leis como desejo, transformar virtude em crime. Não há vergonha em reverenciar os parentes”. Ela jamais poderia deixar seu irmão morto servir de alimento para os cães. Agindo em defesa da lei consuetudinária, do respeito e do amor familiar, contra a vontade artificialmente transformada em lei de acordo aos interesses e o poder do Estado, afirma a liberdade individual de crer, pensar e agir segundo o que lhe parece correto.

Esta a Grécia que ainda estimula nossa reverência e povoa nosso imaginário. A Grécia que provocou o chamado “salto do Ser”, do domínio da lenda e do mito para o do raciocínio lógico, da filosofia, da pesquisa científica. Suas lutas fratricidas e as grandes crises políticas, provocando certa debilidade militar ante o poder macedônio no século IV e finalmente o romano no século III, foi um drama histórico de repercussões profundas.

A decadência foi tão rápida que meio milênio depois a obra de Pausânias, escritor do século II de nossa Era, chamada *Periégese* já convida seus contemporâneos de Roma a não deixarem de realizar um *tour* pela Grécia para ver os monumentos ainda salvos da destruição. O que nos indica ser a Grécia, nesse período da ascensão romana e articulação social do cristianismo, apenas uma parte da memória coletiva. Mas a verdade é que seu espírito perdurava, seu exemplo era seguido, seus pensadores respeitados, seus artistas copiados. A significação histórica da Grécia persistia e ainda persistiria pelos séculos adentro. Os primeiros padres ensinavam em grego. Atenágoras só se dirigia em grego ao Imperador Marco Aurélio que também, como os intelectuais romanos do tempo de Augusto, Cícero entre eles, conhecia o pensamento dos grandes filósofos e os seguia. Marco Aurélio inclusive ainda preferia escrever em grego.

Por isso lamentamos discordar do pretense saudosismo de Pausânias. A Grécia não havia morrido. Jamais morreria e seguiu vivendo no imaginário coletivo, na construção da filosofia, na proposta de se registrar a história do passado, na inspiração de sua arte, nos avanços da medicina natural de Hipócrates. Suas ideias-guia sustentaram pelo menos uma parte do pensamento medieval e foi a base da revitalização do Ocidente a partir da chamada “Renascença”, nome dado em honra à recuperação de sua herança pela cultura europeia do século XIV. Tentaremos, de modo sintético, delinear essa herança.

A Formação do Ocidente Cristão

Vejamos inicialmente como surgiu a nova cultura do Ocidente. Nessa origem a posição de rompimento com os ideais e valores greco-romanos, jamais sua herança, torna-se evidente. Dominaram os ideais religiosos do mundo judaico-cristão.

Por isto é importante relativizar nosso tema e examiná-lo dentro de contextos específicos. Nesta linha reconhecemos sem aceitar, a presença dominante da arte e do pensamento grego, e aceitamos sem reconhecer, o domínio desta herança no processo formativo do Ocidente. Ao propor esta linha discordamos de muitos helenistas famosos, como Werner Jaeger, por exemplo. Nada indica que nossa história tenha começado com os gregos, como afirma esse grande erudito. Nem somos parte da mesma comunidade de destino como ele tão enfaticamente o sustenta.

A cultura ocidental cristã inicia-se, dentro do mundo romano, em conflito de posições ante a vida e em sério rompimento de heranças com a ordem clássica e a visão de mundo que dominava o pensamento pagão. O processo foi completo e compacto.

Não obstante, não é correto negar a importância do que continuamos a herdar dos gregos clássicos. Devido à forte influência grega é possível entender como Plotino, o neoplatônico do século III, teve um êxito extraordinário quando criou sua Academia em Roma, no ano estimado de 245, como centro de estudos gregos. A Academia de Plotino era frequentada por aristocratas, artistas, mercadores e estudiosos em geral. E a bela Hipácia, já no século V, em Alexandria, ensinava a doutrina secreta de Pitágoras sobre os arquétipos do pensar representados pela teoria dos números.

Também se dedicava ao ensino da doutrina de Plotino e Platão, tendo sido por isso perseguida e assassinada pelo fanático Cirilo.

Por isto sugiro não confundir dois conceitos distintos: o de “influência” cultural e o de “confluência” de destinos tal como defendido por Jaeger. Embora sem negar a forte influência grega, o que se viu na história foi o Ocidente consolidar um novo tipo de ética missionária e uma nova forma de ver o mundo.

O primeiro esboço da nova cultura tem início a partir do século II, nas comunidades em que pregadores cristãos defendiam a verdade dos Evangelhos. O exemplo do grego Saulo de Tarso não foi o único. Representou uma tendência dos primeiros cristãos em seu obstinado esforço de conversão e pregação da verdade. Desde logo revelou o traço combativo dentro o qual formou-se a dualidade psicológica do Ocidente: a submissão conservadora à fé cristã e a luta para manter intacto o racionalismo que a legitimava e que seguia respeitando. Tanto a patrística grega quanto a latina produziram textos de confronto com os gnósticos e os pagãos partindo de posições lógico-rationais comuns à filosofia grega. A contradição encontrou na luta uma forma de simbiose criativa. É uma, é outra e é acima de tudo a tensão entre ambas. Heine, o grande pensador alemão sintetizou essa curiosa síndrome entre fé e razão de modo claro. Denominou de “Hebreus” os que se mostravam submissos à nova fé, cuja fonte era a *Bíblia*, especialmente o *Novo Testamento*, e “Helenos” os cultores, tantas vezes não conscientes, da herança racional grega.

Nomes como Justino, Clemente de Alexandria, Basílio, Gregório Nazianzeno revelavam essa simbiose porque todos eles partiam de Platão, Aristóteles, alguns até de Pitágoras seja para refutar seja para conciliar as duas dimensões do pensar humano, razão e fé, na busca da verdade.

O caminho foi tortuoso porque os conceitos básicos da nova fé não eram unânimes. Desde os gnósticos do século II aos teólogos do século IV, a nova cultura surgia dilacerada por vertentes antagônicas na forma de se interpretar o Evangelho bem como na maneira como se reagia ao paganismo grego. Ao fim desse século de tumulto e invasões, Agostinho ainda refletia essa forma divisionista tentando dar sentido lógico às bases da nova fé, postulando a grande síntese teológica da “Cidade de Deus”. Seu espírito combativo revela-se em toda a primeira parte do trabalho quando contesta tanto a dualidade oriental dos maniqueístas quanto as afirmativas, básicas em Pelágio, sobre a independência moral do crente.

O Concílio de Nicéia já havia, meio século antes da “Cidade de Deus”, tentado conciliar certos aspectos desse divisionismo original. Impor o dogma. Acabou sendo o palco de verdadeira tormenta entre adeptos de Ario e os de Atanásio. A coincidência histórica de haver sido realizado sob o patrocínio de um imperador pagão convertido complica ainda mais a confusão dos tempos.

Estamos a falar de uma nova cultura que vai ser a base da civilização do Ocidente. Parece adequado distinguir “cultura” de “civilização”.

A dificuldade provocou a perplexidade de Kenneth Clark quando, sob contrato da BBC, tentou narrar para o grande público o que caracterizava a originalidade da nossa Civilização, traçando suas linhas básicas na origem do cristianismo. Podemos sentir esta perplexidade no seu *best seller* *Civilização*. O mesmo havia ocorrido com Norbert Elias o autor famoso do *Processo civilizatório*. Seu grande livro inicia com a observação de ser particularmente difícil sintetizar, em uma definição clara, o que se entende por “civilização”. E o grande erudito

e estudioso do mundo grego Eric Voegelin chega a afirmar que o conceito carece de precisão e tem sido, pelo menos, mal formulado.

Concordamos com todos eles. Especialmente quando, em nosso caso, lemos autores consagrados nos falar de “civilização brasileira”. Outros de uma “civilização do couro” a surgir no interior do País e Gilberto Freyre na “civilização do açúcar”, objeto preferencial de suas análises sobre o processo formador do Brasil. Claramente todos eles referiam-se à “cultura brasileira”, com diversas “subculturas” surgindo em nosso processo histórico. Não há “civilização brasileira”. Somos parte da “Civilização Ocidental Cristã”. A diferença está no desenvolvimento de vertente cultural própria, esta sim, especificamente “brasileira”.

“Civilização”, portanto, é forma social complexa que assimila criativamente e de modo próprio, o que a humanidade como um todo veio desenvolvendo em termos de técnicas produtivas e de organização da ordem, adaptando-as a seus valores e visões de mundo, expressas em particular na filosofia de vida, arte própria e literatura singular. Seu centro irradiador é de perfil urbano. Mais uma vez vale citar Norbert Elias em seu trabalho sobre *Formação do Estado e civilização*, unindo o que poderia parecer desunido. Devido a este perfil urbano, as grandes civilizações tardaram a se constituir. Seu início foi no vale do Nilo, do Yang Tsé e do Eufrates depois de pelo menos uns bem contados 50 mil anos de vida social organizada.

Somente nessa fase do desenvolvimento da humanidade já se pode falar de “civilização” porque todas essas formas tinham como ponto de convergência não a vida comunitária, de caráter nômade tribal, mas centros urbanos complexos, valores comuns, costumes consolidados em uma paideia própria. Só a “civilização” permite o desenvolvimen-

to de um convívio refinado pela elegância de maneiras, a depuração literária pela adoção de formas escritas, a cortesia social e o respeito pela aparência. Resumindo a diferença é possível afirmar que toda a civilização é uma cultura mas nem toda cultura é uma civilização.

Características do Ocidente

Obedecendo esta linha é possível falar em “cultura do cristianismo” como gênese da grande “civilização ocidental cristã”. Bem como de seu perfil “fáustico”, combativo e criativo. Notemos que apenas com o Ocidente as inovações técnicas vieram a gerar transformações radicais em formas de produzir riquezas, de ser e de agir. Inclusive na formação de novas classes sociais com participação efetiva no poder político. O Ocidente logrou assimilar criativamente métodos, produtos, como o bronze, a bússola, o papel, o vinho, a cerveja, o alfabeto, a pólvora, o relógio que mede o tempo, o moinho de água, a geometria das proporções, a técnica de dragagens e canalizações, a matemática necessária às suas às vezes gigantescas obras de engenharia, todos esses inventos e descobertas são devidos ao engenho das grandes civilizações orientais.

A indagação pertinente é: sendo a cultura inicial do Ocidente um derivado paciente e crédulo da passividade religiosa, com suas crenças, medos, mitos e superstições, como lhe foi possível criar uma civilização que ultrapassou em velocidade de mudanças, poderio e diversidade de desenvolvimento técnico e científico, todas as grandes civilizações do passado?

De onde nos vem este estilo desafiador e criativo que permitiu nos transformar em poucos séculos, em uma civilização hegemônica, mestre da criatividade original?

A resposta, ou tentativa de resposta nos leva a examinar as ligações de origem. Entre elas a que talvez mais nos impressione pela forma como abandonamos a submissão cosmológica por meio da filosofia e da ciência: nossa herança grega.

Vejamos alguns pontos de partida. Primeiro: a Civilização, não necessariamente a cultura do Ocidente Cristão, surgiu historicamente tarde, em torno do período que vai do século VII ao IX.

É completo disparate datá-la. Mais ainda da forma como o fazemos. Não se data o início de uma nova civilização, muito menos o de uma nova cultura. O Ocidente não tem seu ano I no dia em que supostamente tenha nascido Jesus de Nazareth. Consolida-se como cultura pouco a pouco. Só bem mais tarde transforma-se em uma grande civilização. Para esse processo de consolidação e expansão, é decisiva a ação da Igreja propondo novos estilos de Ser. Gregório I aperfeiçoa a liturgia, estimula a arte sacra, cria um estilo musical próprio ao reunir cânticos dos cristãos primitivos no chamado “canto gregoriano”; unifica espiritualmente os mosteiros descentralizados como centros de evangelização dos povos ainda pagãos.

Daí em diante já é possível entender porque Carlos Magno, o todo poderoso formador do Primeiro Império do Ocidente, decide fixar seu ritual de coroação em Roma. Ser coroado pelo Papa era uma forma de reconhecimento do papel hegemônico e do poder espiritual da Igreja, dois séculos depois de Gregório.

O pretense ano I de nosso atual calendário, portanto, é sociologicamente falso. Coincidia com o apogeu da Roma de Augusto, da literatura de Cícero, Lucrécio, Horácio e Virgílio, todos de forte inspiração grega. Os gauleses recém-absorvidos seguiam com suas tradições

celtas e os poucos germanos que iniciavam o processo de integração cultural romana seguiam adorando Odin, Thor e reverenciando o Walhala. O século II seguinte, foi ainda o de Políbio, cuja filosofia da história transformava Roma em herdeira da Grécia, centro da vida e objetivo oculto do destino.

Mesmo bem mais adiante, já no século de Gregório consolidou-se a divisão final dos reinos germânicos independentes. Era essa a verdade política do Ocidente. Os francos merovíngios dominavam a imensa região que vai do Reno ao Atlântico, os anglo-saxões se fixaram na grande ilha mais ao norte, os ostrogodos assumiam o poder na península itálica e os visigodos na outra península além Pirineus, a Ibérica.

Embora germanos, todos esses povos haviam sucumbido ao carisma cultural de Roma. Como Roma adotara o cristianismo, seus líderes, em sua maioria, já eram cristãos mas dificilmente é possível dizer o mesmo do povo. Esse ainda seguia com suas tradições milenares.

Com o tempo, assimilados pela cultura romana, até lutando em defesa de Roma, ainda assim lhes foi particularmente difícil abandonar seus deuses e costumes ancestrais para adotar as propostas religiosas que Roma já havia incorporado desde o Concílio de Nicéia. Daí a importância da ação de Gregório e de seu apoio à ação evangelizadora e criativa dos mosteiros. A resultante foi, com o tempo, todos acabarem por se irmanar sob os princípios éticos e a visão de mundo do cristianismo. Gerou-se a “civilização Ocidental Cristã” com a Igreja, como centro do ensino e da assistência social, sabendo absorver, jamais confrontando, as crenças populares germânicas.

Adaptou-as, modelou-as, assimilou-as e as deixou viver, desde que mantidas sob o manto ideológico da unificação cristã. A Alemanha deve seu nome e sua identidade não a Roma, mas a uma forte tribo

germânica, os “alamani”. Os celtas podiam seguir com certos cultos da natureza, seus mitos e utopias como as de Avalon, herdados de seus magos. A Igreja Católica os absorveu com facilidade. Costumes antigos como a prática da aspersão de água para purificar o corpo e a alma, já constava de narrativas de Sófocles meio milênio antes da Era Cristã. Em já referida tragédia, Antígona faz o chamado “mensageiro” narrar que purificara com água-benta o corpo exposto e profanado de Polínicos antes de lhe dar enterro decoroso. De forma similar a Igreja absorveu, desde logo, a tese sagrada da morte e ressurreição, crença popular de tantas religiões do Oriente. Como o fez em torno do século XI, incorporando o ancestral culto da virgem sustentado por muitos, tanto por egípcios em seu culto à Isis, admitindo a concepção imaculada de Osiris, quanto entre os gregos e romanos quando davam à virgindade de suas pitonisas e vestais, condição essencial para serem respeitadas como intermediárias entre o mundo secular e o sagrado. Por outro lado, os anglo-saxões, continuaram a usar e até hoje ainda usam, os nomes de seus deuses antigos, residentes do Walhala, como “Thor” para batizar dias da semana. “Thursday” seria o “dia de Thor”. Como os outros dias reverenciam outros deuses. “Domingo” eles ainda o chamam, hoje em dia, de “Sunday”, dia milenarmente consagrado ao culto do Sol. Assim por diante são muitos os vestígios pagãos tolerados e até absorvidos pela Igreja, na grande simbiose da cultura ocidental. Quando, já bem longe, no século XIX, Wagner recupera as lendas germânicas pagãs em sua música, demonstra sua reverência a um passado não esquecido.

A Igreja foi, portanto, a instituição multinacional aglutinadora e Carlos Magno o Imperador que a legitimou. O fenômeno era totalmente impossível quando Constantino o tentou, a ponto de seu processo sucessório acabar consagrando no trono um Imperador pagão, Juliano.

A religião dominante continha, realmente, algo de novo. Sendo monoteísta e portanto negando os outros deuses, sob o termo “católico” defendia a igualdade de todos perante este Deus. Não dava exclusividade da preferência divina a povo algum.

Os Mosteiros como centros sociais

Mais anteriormente nos referimos aos mosteiros. Não é possível negar seu papel estratégico. Cultivando entre seus intelectuais a pequena chama da cultura grega foi a instituição que deu unidade entre o passado e o presente, o centro aglutinador da cultura do Ocidente. Não abrigaram intelectuais contemplativos e sim homens de fé, mas decididos e enérgicos em seu espírito prático. Quando Kenneth Clark compara o Monge Suger a um empresário americano moderno, realça este aspecto da personalidade monástica. Suger inovou na técnica das construções, criou o estilo gótico, construiu e decorou grandes catedrais como símbolos da glória de Deus. Com seus ornamentos e sua beleza eterna, seus vitrais e suas esculturas, estas catedrais até hoje nos assombram e enriquecem.

Desde logo os monges isolados em mosteiros souberam articular o trabalho coletivo usando a fé e o amor a Deus. Lograram a disciplina, a dependência e o apoio dos camponeses das aldeias vizinhas. Muitos se transformaram em centros de um capitalismo embrionário, com a propriedade de terras extensas, cobrando lucrativas taxas para uso dos seus moinhos. Mas era no silêncio de seus *scriptoria*, que se dedicavam a copiar manuscritos gregos antigos para suas imensas bibliotecas. Neles concebiam experimentos práticos e planejavam pesquisas inovadoras. De seu trabalho surgiram os primeiros enólogos do Ocidente, produzindo vinhos novos e licores de sabor refinado.

Inovaram em técnicas agrícolas, em sistemas de dragagem de terras e construção de diques, na produção artesanal, em novos sistemas de arte como o que ainda se pode ver nas chamadas iluminuras, minuciosos e precisos embelezamentos dos manuscritos produzidos e traduzidos do grego para o latim.

Coube aos mosteiros o papel de centros intelectuais e morais do sistema, atingindo o interior desconhecido e se expandindo até o extremo norte da Europa.

Acompanhando sua ação e influência, é possível sentir ainda melhor a presença grega no processo formativo do Ocidente. Porque uma das fontes primordiais do conhecimento acumulado nos mosteiros, além evidentemente dos estudos das Escrituras, foi o trabalho científico e filosófico dos gregos. Herança que tentavam conservar. O cristianismo jamais a dispensou. Ao contrário, tirante o combate perseverante ao paganismo, incorporou, filosoficamente, a contribuição helênica. Notemos que o livro básico do cristianismo, a *Bíblia*, é palavra de origem grega. E em grego alexandrino, o dialeto falado em toda a região, chamado *coiné*, foi redigido o *Novo Testamento*.

Não parece incorreto afirmar que suas ações repetiam o espírito fáustico dos gregos. Na ciência grega, bem como na busca racional da verdade transcendente, pela filosofia, muitos foram os monges que inovaram em suas teses e visões de mundo. Entre seu legado estão avanços teóricos da matemática, da ótica, da engenharia e da medicina.

Desde seus primórdios, com os padres gregos e também latinos, a formação original filosófica manteve seu respeito aos gregos. Essa fase inicial culminou em Boécio, um profundo admirador de Platão. Seguiu adiante até chegarmos na época das grandes sínteses teológicas dos séculos XII e XIII. Dessa época, a de Dante e Tomaz de

Aquino até Petrarca e Boccaccio, passando pela poesia provençal dos goliardos e a fundação das primeiras universidades, houve uma nova abertura do espírito medieval para a absorção dos pensadores gregos. Em pouco tempo chegávamos aos primórdios da Renascença com pensadores florentinos como Coluccio Salutati e Leonardo Bruni. Processo que se consolidou com a vinda de sábios gregos de Bizâncio. Especialmente depois que a expansão muçulmana absorveu Bizâncio a sua fé.

Quando Petrarca denomina todo esse período inicial da Civilização do Ocidente de “Idade das Trevas” é injusto com o trabalho criativo realizado, mas correto em sublinhar a redescoberta apoteótica dos gregos, de suas formas de arte e estilo racional de pensar.

Não seria nenhum exagero afirmar que a herança judaico-cristã, combinada com a base da filosofia, da energia, da criatividade e do pensamento racional dos gregos, consolidaram os alicerces de uma nova forma de ser, crer e agir. Criaram a Civilização Ocidental Cristã.

Conclusões sobre a herança grega

Não obstante alguns seres da fé e do absurdo, mestres da intolerância e da estupidez humana terem existido até bem tarde no Ocidente, dentro da mentalidade que acabou mais adiante gerando a Inquisição e o Index, não se impediu a preservação do método, do estilo de pensamento lógico nem a temática que predominara na filosofia grega.

Nesta linha temos os maiores pensadores da Igreja, chegando ao neoplatonismo de Scoto Erigena em suas profundas meditações sobre o Ser. Sabemos que essas meditações tiveram início, de forma original com Parmênides. Período em que os gregos, com os pré-socráticos,

deram o salto definitivo trazendo a filosofia de suas preocupações jônicas, com a origem do Cosmos e da Vida, para concentrar-se no homem, sua especificidade, centro do “logos”. As preocupações com o Ser, iniciadas com Parmênides tiveram seguimento importante com a teoria das ideias de Platão. Até hoje repassa pela filosofia de Kant, reverbera em Heidegger ressoa nas especulações existenciais de Sartre bem como nas fenomenológicas de Husserl.

Alguns sábios medievais, entre eles o Monge Roscelinus, ao contradizer, peça por peça, a teoria platônica das “Ideias” como simples abstração ociosa, *flatus vocis*, na sua expressão, contribuíram para aberturas experimentais e o apoio ao pragmatismo. Para ele inexistiam modelos para o Ser. O que se podia constatar era a forma como diferentes seres evoluem ante os desafios da vida dentro dos valores educativos de suas sociedades. Notemos, Platão era o adversário. Por isto, sua proposta teórica veio a ser conhecida como “nominalismo”, ou o reconhecimento do mundo fenomênico dentro do qual as coisas e os acontecimentos, identificados por seus nomes, eram passíveis de captação empírica e desenvolvimento racional.

Seguimos pelo Ocidente adentro a nos mover sob a sombra de Platão.

Platão, como sustenta o pensador moderno Etienne Gilson em seu profundo estudo *A Filosofia na Idade Média*, foi “um aliado do cristianismo em vários pontos importantes”. E os enuncia de modo sintético. Revela especialmente o Timeu onde já se vê pré-elaborada, a doutrina de um demiurgo do universo, da existência de um suprassensível do qual o sensível não é mais que a imagem, da imortalidade da alma, acima de tudo de uma vida além da vida onde os castigos e as benesses serão distribuídas em julgamento feito por uma potência metafísica de acordo com o comportamento de cada um em sua passagem pela vida terrena.

A sombra de Platão não desapareceu até hoje do pensamento do Ocidente. Já me referi em texto anterior, à famosa observação de Whitehead de que a filosofia ocidental não passa de um rodapé a Platão. O exagero da assertiva é evidente, mas revela, pelo menos, como a presença grega marca o nosso pensamento.

Platão veio a conviver, especialmente a partir do século XI, com a lógica de Aristóteles, base do pensamento de intelectuais como Anselmo e Thomaz de Aquino. Quando Humberto Eco faz, no *Nome da Rosa*, um obstinado monge defensor do dogma preferir o homicídio e posteriormente o suicídio a permitir o livre acesso à poética de Aristóteles, reconhecia a influência que essa obra poderia ter na abertura da mente, na posição ocupada pelo sentimento e, acima de tudo, no estímulo à ironia e ao riso.

A conhecida afirmativa de Abelardo, “só creio no que posso compreender” é puro Aristóteles. Citações e influências de Pitágoras, Parmênides, Heráclito, Sócrates, Platão, Demócrito e Lisippo, são, como Aristóteles, marcas profundas que os gregos deixaram na mente dos principais pensadores cristãos.

Entre os tipos humanos que iam surgindo pouco a pouco do desenvolvimento da ciência ocidental, marcados pelo ceticismo e não inclinados ao pensamento religioso, as doutrinas dos cétricos gregos, dos estoicos e o hedonismo dos cirenaicos serviram de base para muitas vocações realistas. O chamado “Iluminismo” anglo-francês do século XVIII não foi, ao contrário do que sustenta Peter Gay em sua obra sobre o período, a fase do Ocidente em que os gregos teriam sido redescobertos. Os gregos nunca nos deixaram e o Ocidente jamais os abandonou. A admiração comovida que atravessou os tempos pela poesia épica de Homero, da lírica que foi pouco conservada, jamais

esquecida, a partir do nome “lira”, instrumento que acompanhava o romantismo sedutor dos *aedos*, chegando aos grandes trágicos como Sófocles, Esquilo e Eurípedes, fixando a inteligência dos mitos em suas obras perenes, são marcas de nossa formação intelectual.

Na chamada Renascença do século XII e principalmente na que tem início no século XV, com o neoplatonismo de Marsílio Ficino bem como na recuperação da temática grega nas grandes obras de artistas como Botticelli, a presença da literatura, da arte e da filosofia grega foi ainda mais vigorosa que na época do chamado “iluminismo”. A arte passou por transformação radical, não só na técnica, o que é perfeitamente compreensível, mas na temática. É só comparar a arte medieval e a renascentista para termos uma ideia mais clara da recuperação dos princípios da mente grega.

Modernamente, os mitos gregos serviram de base ao desenvolvimento da psicoanálise, com Eros e Thanatos, Édipo e Electra. A tragédia grega ofereceu o modelo para definir as neuroses e o comportamento do homem. Ainda hoje, no mundo cibernético em que se transformou o Ocidente, Homero é lido com encanto, Safo é publicada em edições populares e Prometeu reverenciado como símbolo do desafio criador.

A tragédia grega teve como centro de seu desenvolvimento temático o emaranhado de ações e sentimentos em se que envolvem os homens pelas circunstâncias da vida.

Por isto Homero, sendo o maior épico grego, pode ser considerado com certa justiça o primeiro trágico porque sua narrativa tem início na paixão irresponsável de Paris e Helena. Ao prosseguir descrevendo o ódio vingativo de Menelau, as ambições, ostentações e ousadias de Agamenon, a fúria cega de Aquiles, a *hybris* de Pátroclo e posteriormente Heitor, no desfrute de sua vitória, além do sofrimento de

Priamo, todos sentimentos demasiadamente humanos pelos quais esses heróis pagaram com a vida, Homero nos fala de nós mesmos, do homem e suas circunstâncias. Por isto segue sendo modelo e fonte de admiração. Todos nós somos seres “trágicos” no sentido de não nos ser possível nos liberar dos impulsos emotivos, das conseqüências da vaidade, das ambições que nutrimos e dos medos que sentimos.

É praticamente impossível minimizar a forte influência grega, sua filosofia, sua obra científica, sua proposta estética, até mesmo na evolução do balé moderno. Quando Balanchine se propõe a coreografar *L'Après Midi dun Faune* o que o seduz na música de Debussy é a temática grega. Stravinski compõe a *Sagração da Primavera*. Repetindo a inspiração de Botticelli responde a alguns de seus críticos com a assertiva: “que todos os elementos dionisiacos sejam dominados e finalmente submetidos à lei e à ordem de Apolo”. Somos helenos e cada vez mais, na praticidade e no estilo de liberdade que caracterizou a vida política dos gregos, abrindo espaços para a escalada social, inspiração da nova retórica ensinada pelos sofistas. Os gregos inventaram a liberdade, desde que Pitágoras emigra voluntariamente por não concordar com a tirania de Polícrates em Samos, e Péricles reafirma, contra as reformas de Cleistenes, a superioridade do homem bem formado sobre a massa inculta, fortalecendo o poder aristocrático. Notemos que sob os anos de domínio de Polícrates, Samos atingiu o auge do desenvolvimento tornando-se o centro de uma thalocrassia poderosa. Sob Pisistrato o tirano derrubado, Atenas prosperou comercialmente como nunca o havia feito. Não obstante o desenvolvimento econômico foi o respeito espiritual à liberdade de expressão e pensamento o que prevaleceu. Nos dois casos a opção foi pela liberdade. Na arte, na ética da areté, ou honradez pessoal, respeito a si mesmo, assim como nos tipos da poesia gnômica, a imagem de um ser humano cuja forma específica depende de sua formação intelectual, de seu equilíbrio ou “sofrosine”,

tornou-se um dever. Explica-se por esse ângulo da equação social o desprezo Socrático pelo chamado “demos” e a admiração de Platão pelos regimes em que a meritocracia predomina ante a força demagógica das massas. Sua base de raciocínio era a lógica social. Se para todas as profissões é necessário um treinamento específico porque só para a mais importante delas, a de conduzir e administrar um povo, esse requisito torna-se dispensável?

Devemos aos gregos a invenção da história, ramo do saber desconhecido nos milênios que antecederam à curiosidade dos gregos sobre as coisas humanas. A história transforma o modo quietista e místico que marcava o pensamento das culturas orientais, bem como a visão cíclica e repetitiva da vida, introduzindo um perfil dinâmico e transformativo na existência social humana, através do qual passamos, no Ocidente, a ser sujeito de destino e não seu mero executor.

A influência grega desce a níveis ainda mais profundos. Em uma cultura como a nossa, marcada pela velocidade das mudanças, pela ação de novos relacionamentos pelas redes virtuais e o uso diário de computadores funcionais, adotamos nomes gregos em nosso cotidiano como “prático”, “pragmático”, “esteta”, “energia”, “filantropia”, “filosofia”, “fantasmas”, “geologia”, “geometria”, “diáspora”, “democracia”, “aristocracia”, “ostracismo”, “política”, “física”, exemplos reduzidos de centenas de outros. É para a herança grega que nos voltamos quando sentimos a necessidade de batizar um novo ramo do conhecimento como “psicoanálise”, “nanotecnologia”, “cibernética”, “telemetria”, ou novos fenômenos descobertos como “homeostase”, “sinergia”, sem falar no uso de nomes gregos para invenções modernas como “cinema”, “televisão”, “telefone” etc. além de batizar nossos filhos com eles, como Andréia, Sofia, Heitor, Ulisses, Melissa, Telêmaco, Temístocles etc. Pode-se repetir,

sem incorrer em exageros, que os gregos inventaram a liberdade que marcou a evolução do Ocidente. Falar de “liberdade” jamais ocorrera à mente oriental, com o poder dominante das autocracias fechadas em si mesmo. Tratava-se de conceito inexistente nessas sociedades. Como completamente absurdo soava qualquer pretensão à democracia, nome, aliás que surge apenas entre os gregos, sem equivalente em outros contextos culturais.

Foi entre os gregos que tomou corpo o respeito pelos sentimentos íntimos. Não só na imaginação de seus mitos e na fulguração de seus heróis senão também como paradigma para a vida comum como é possível constatar no que nos restou da poesia subjetiva de Antíloco e Alceu, bem como na amorosa de Safo.

Sob o signo da mentalidade moderna e a desagregação do caráter individual, sob o desrespeito ao interesse social e a glorificação do poder pessoal, recuperarmos algo da herança grega seria como um jato de ar puro em um ambiente carregado de indiferenças e maldições.

Por isto agradeço e louvo esta oportunidade.

Palestra pronunciada em 25 de setembro de 2012